

A Couvade

pelo Dr. R. R. SCHULLER

Estimulado pelo erudito estudo, que o senhor *Paul Hermant* acerca do mesmo assumpto publicou no «Boletim da Real Sociedade Geographica de Belgica», eu sentia a vontade de fazer um cotejo conciso das opiniões e das theorias formuladas pelos homens mais competentes sobre a provavel significação d'este costume bizarro; e creia necessario ampliar as noticias a respeito d'esta pratica, provenientes da Sul-America, e em particular do Brasil, pois são estas as que em primeiro logar, para nós mais interesse têm, e no segundo logar para a sciencia em geral; porque, justamente a America Meridional e especialmente o Brazil offerecem os casos da couvade *mais typicos e menos conhecidos*.

Não era, portanto, um espirito tençoeiro, que me guiava ao redigir estas linhas, senão o vivo desejo de contribuir, dentro de minha modesta esphera de trabalho e com os escasos materiaes, que aqui no Pará estão ao meu alcance, para o melhor julgamento d'este phenomeno psychico.

Cumpre-me tambem deixar aqui constar o meu agradecimento ao Sr. Dr. *Jacques Huber*, Director do Museu Goeldi, pela benevola acolhida e a hospedagem, que me brinda nas columnas d'esta importante revista scientifica.

* * *

O costume da couvade que consiste em que, ao nascer uma criança, o pão d'ella se deita, e não a recém parida, simulando o homem as dôres do parto e recebendo os mimos e as atenções que, como é logico, corresponderiam áquella, apparece desde a antiguidade sob a forma mais ou menos completa entre varios povos primitivos do velho mundo.

O historiador *Diodoro* (1) da Sicilia refere que o praticavam algumas tribus da ilha de Corsega.

(1) *O. Peschel*, «Völkerrunde», 7. Aufl., p. 26. Leipzig, 1897.

Strabo (1) o menciona entre os Bascos da Iberia, cujos descendentes conservam até hoje a palavra *couvade* — «faire la couvade», dizem geralmente na França meridional (2) — com que se designa este phenomeno extranha e diametralmente opposto a nosso modo de pensar e de sentir.

E, segundo *Marco Polo* (3), o observavam tambem «as gentes com os dentes de oro» da Asia.

Mas em poucas partes do mundo este costume se manifesta d'uma maneira tão característica como entre os aborigenes americanos; e, sobre tudo, entre os indios do Brazil.

Uma das descrições mais exactas e mais detalhadas d'esta pratica é a do autor (4) do «Tratado Descritivo do Brazil», no capitulo CLIV, «que trata da criação que os Tupinambás dão aos filhos e o que fazem quando lhe nascem».

Ouçamos.

«Quando estas indias entram em dores de parir, não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria; e em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde se lavam, e as crianças que parirem; e vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que sécca o ombigo da criança: em o qual logar visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, em quanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar que fará muito nojo á criança, e que se

(1) *Geographia*, lib. III, cap. 4. Tauchn. ed. I., p. 265.—*Peschel*, l. c.

(2) *Sir John Lubbock*, «Les Origines de la Civilisation», p. 14.—Paris, 1881.

(3) *Marco Polo*, lib. II, cap. XLI ou cap. CXIX.—*Peschel* l. c. Entre os romanos «l'adoption jouait ainsi un rôle important et s'accomplissait par le symbole d'un accouchement simulé, sans lequel l'adoption n'était pas complète». *Lubbock*, ob. cit., p. 87.—*Wilnützky*, «Vorgeschichte des Rechts», t. II, p. 22.

(4) *Gabriel Soares de Souza*, «Tratado Descritivo do Brazil em 1587, obra de, Senhor de engenho da Bahia, n'ella residente dezesete annos, seu vereador da Camara», etc. Edição castigada, etc., por Fr. A. de Varnhagen.—Rio de Janeiro. Typ. Universal de Laemmert, Rua dos Invalidos, 61 B.—1857.—A II. edição sahiu na mesma cidade em 1879.—«Rev. Trim.», t. XIV.

se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morerão os filhos, e elles que serão doentes de barriga; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que ellas não põem da sua parte mais que terem guardada a semente no ventre onde se cria a criança».

As prescripções são mais rigorosas ainda. O homem,— e em certos casos ambos: homem e mulher,—está sujeito á abstinencia.

Fernão Cardim (1), fallando da «Criação dos filhos», conta que «as mulheres parindo, e parem no xão, não levantam a criança, *mas levanta-a o pae* (2). ou alguma pessoa que tomam por seo compadre (3) e na amizade ficam como os compadres entre os cristãos: o pae lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra: e logo se põe a jejuar até lhe cae o ombigo (4), que de ordinario vac até os oito dias, e até que lhe não caia não deixa o jejum, e em lhe caindo, se é maxo lhe faz um arco com frexas (5), e lhe o ata no punho da rêde, e no outro punho muitos mólhos de ervas, que são os contrarios, que são filho ha de matar e comer, e acabadas estas ceremonias fazem vinhos com que se alegram todos».

O indio caraïbe (6) desempenha o seu papel de mu-

(1) «Do Principio e Origem dos indios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias».—Rio de Janeiro, Typographia da «Gazeta de Noticias», 1881. In-8.º maior.—121 pp.

(2) Algo analogo passava entre os mexicanos, segundo o jesuita padre *Joseph de Acosta*, «Historia natural y moral de las Indias, em que se tratam las cosas notables del cielo, y elementos, metales, plantas y animales dellas: y los ritos, y ceremonias, leyes y gobierno, y guerra de los Indios».—Compuesta por el Padre. . . . En Sevilla, en casa de Juan de Leon, año de 1590. in-4.º—535 pp. n. + XVIII ff. s. n. de «Indice».

(3) No antigo Mexico foi a parteira quem levantou o menino recém nascido, para mostral-o ao pae.

(4) Suppunham um laço material (ou carnal) entre elles e as creanças diz o padre *Dobritzboffer*, «Historia de Abiponibus», etc. Vienna, 1784, 3 vols. in-8.º

(5) Faz lembrar a scena do matador tupí, mettido na rede atirando pequenas frechas (simulacro do renascimento; recebe um novo nome, para livrar-se da persecução do espirito da sua victima).

(6) *C. de Rochefort*, «Histoire naturelle et morale des îles Antilles de l'Amérique», etc. Avec un vocabulaire caraïbe, pp. 550 et passim.—Rot-

lher até durante quarenta dias. A mulher d'elle é considerada impura, assim que o marido, não dispondo d'outra choupana para deitar-se n'ella, separa a sua réde d'aquella occupada pela parida, por meio d'uma esteira.

De outros grupos ethnicos, entre os quaes certas prescripções observadas no parto da mulher revelam estreitas relações com a couvade (ou sejam sobrevivencias de tal), nós consta o mesmo. Entre os Larkas da Bengalia, ambos, homem e mulher, são declarados impuros (1) durante oito dias. E n'este tempo é o homem quem faz a cozinha.

Entre os Diaques (Diaks ou Dayaks) (2) da ilha Borneo, o pae da criança recém nascida não deve comer outra coisa senão arroz; evita ir ao sol; e durante quatro dias não toma banhos.

Schomburgk (3) narra que os Caraïbe suspendem toda classe de trabalhos; o homem não abandona a choça, senão de tarde e só por alguns momentos. O banho é igualmente prohibido, o mesmo que tocar ás armas. Toma agua morna e come pão de *cassave*, preparado pelos parentes. Não deve coçar-se com as unhas o corpo nem a cabeça, para cujo effeito emprega a nervura da folha da palmeira chamada *cucurrit*.

Qualquer desacato a estas prescripções, segundo creem elles, teria por consequencia a morte segura da criança.

Na Groenlandia (4), depois do parto da mulher, o marido não trabalha durante algumas semanas.

terdam, 1665, in-4.—R. P. *Jean-Baptiste du Tertre*, « Histoire Générale des Antilles, habitées par les François », etc. tomo II, pp. 371 e 373. Paris, 1667-1671. 4 vols. in-4.".

O mesmo refere Mr. *Paul Hermant* dos Miaos da China: « l'alitement dure quarante jours, afin que l'homme (comme le disent les Miaos, (*vide*: Colquhoun. « *Across Chrysee* », p. 335.) souffre les mêmes douleurs que sa femme ». *La Couvade*, p. 5, no « Bull. de la Soc. Royale Belge de Géographie », 30^{ème} année.—1906.—N.º 1., pp. 5-15.—Bruxelles, 1906.

(1) *Hermant*, ob. cit., p. 8.—*Dalton*, « *Ethnology of Bengal* », p. 190. As mulheres caraïbe são consideradas impuras tambem durante o processo physico da menstruação. *Rich. Schomburgk*, « *Reisen in British-Guiana* », etc., t. II., p. 316. Leipzig, 1848.

(2) *Peschel*, l. c.—*Spencer St. John* I, c. I., p. 160.

(3) *Ob. cit.*, II, 314.

(4) *Lubbock*, ob. cit., 16.—*Egede*, « *Greenland* », 190.

Na península de Kamtchatka (1) succede o mesmo varias semanas antes do nascimento da criança.

Segundo o jesuita Dobritzhofer (2), missionario dos indios Abipon do Chaco paraguayo, estes estavam cobertos com pannos e couros, para que lhes não dêra o ar, e observavam estrictamente o jejum imposto pela etiqueta da couvade. E estavam firmemente convencidos estes indios de que existia ainda um laço material (ou carnal) (3) entre elles e as crianças (recem-nascidas), de modo que qualquer intemperancia ou constipação podesse transferir-se á estas.

Fray José Cors (4), missionario durante muitos annos entre os indios Guarayo (5) da Bolivia, escreve:

«Cuando la mujer está al parir, se sienta en tierra sobre una esterita de palma, donde echa la criatura. No tienen mujer con el oficio de partera; sino que ellas se ayudan mutuamente en sus partos, de que generalmente se desembarazan con mucha prontitud y facilidad. En habiendo lavado la criatura, le atan por supersticion unos hilos en

(1) *Lubbock*, l. c.

(2) *Ob. cit.*, tomo II, pp. 271 *et passim*.

(3) «. . . e até que lhe não caia (o ombigo) não deixa o jejum. . . » diz *Fernão Cardim*.

(4) «Los Misiones Franciscanas entre los infieles de Bolivia. Descripcion del Estado de ellas en 1883 y 1884, con una noticia sobre los caminos y tribus salvajes», etc., etc., por el R. P. Fr. José Cardús, Alumno del Colegio de Propaganda Fide del Colegio de San José de Tarata y ex-conversor de los Guarayos, Barcelona, 1886. in-4.º—429 pp. num.

O P. José Cardús, O. M. é autor de «La doctrina cristiana explicada en Guarayo e en Castellano p. (ara) uso de los neófitos de las misiones de S. José de Tarata».—Cochabamba, 1883. in-8.º—VI + 252 pp. num. + I f. de «Errata».

Este catechismo em lingua guaraya, que é um dialecto do tupy-guaraní, é totalmente desconhecido aos bibliographos

O *conde de la Viñaça* não o menciona na sua «Bibliografía Española de Lenguas Indígenas de América», etc. Madrid, 1892. Nesta obra falta tambem o «Catecismo en lengua Chiriguana» do P. Fr. *Alej. Corrado*. Impresso na cidade boliviana de Tarija, no anno 1875.

Ambas obras constituem hoje verdadeiras rarezas bibliographicas. Do «Catecismo en lengua Chiriguana», possuo uma copiada tirada por mim mesmo do exemplar, que pertencia á «Bibliotheca Boliviana» do senhor *Gabriel René-Moreno*.

(5) Os indios *guarayo* são de origem *tupi-guaraní*.

A palavra *guarayos* (no sentido de *auca*=inimigo) é tambem um nome colectivo, applicado á varias tribus, como os *Huachipairi*, que vivem nas selvas entre o Rio Madre de Dios e o Urubamba.

las muñecas, en los codos, en las pantorrillas y en los tobillos, y si es mujer le atan otro en la cintura. Tambien es de ley que para el hijo no muera y crezca bien, el padre debe hacerse unas sajaduras con el diente del *acuchi* (*dasyprocta spec.?*), pintarse de negro los pies, las manos y las coyunturas y ayunar tres dias. En todo ese tiempo se está en casa, echado en su hamaca sin salir á trabajo alguno, ni ocuparse de los officios domesticos, siendo deber de la recién parida cocinarle los pequeños pescaditos que se le permite comer en su ayuno».

O senhor *von Koenigswald* (1) menciona a couvade tambem entre os *Carayá* (*Carayá-Tapiya*) do Rio Araguaya. O indio Carayá se deita, gemendo e jejuando. Recebe as visitas dos parentes e amigos, emquanto a parida continúa tranquillamente os seus trabalhos como de costume. Ambos abstêm-se, porém, de toda carne, o que, como crêm elles, favorece sobre maneira o desenvolvimento physico do menino.

A couvade que, indiscutivelmente, é de grande interesse ethnologico, apparece sob diversas formas entre os chins do Yunnan occidental, entre os Diaks de Borneo, entre os habitantes das ilhas Nicobares, entre varias tribus africanas, entre os Bascos do Norte da Hespanha, no sul da França, na ilha de Corsega, entre os índios *Caraiibe*, entre quasi todas as tribus das familias linguisticas *Nu-aruac* e *Tupi-guarani*, e tambem entre os primitivos *Tapiya-gues*, como: *Puris*, *Coroados*, *Camé*, e os *Carayá* (2) de Goyaz.

Esta enorme extensão geographica e os grupos ethnicos completamente heterogeneos, que praticam a couvade, justificam tambem as palavras do Sir John Lubbock: «Je

(1) Die Carajá-Indianer», no «Globus», t. XCIV, N.º 14, pp. 217-223; e N.º 15, pp. 232-238 (veja-se p. 237)—Braunschweig, 1908.

(2) Não é possível dar uma resenha completa. Ha muito mais tribus ainda que praticam a couvade, como, por exemplo, os *Jivaros* do Rio Napo. V. *James Orton* «The Andes and the Amazon», etc., p. 172. London, 1870.

Muito lamento não dispôr n'este momento do trabalho do *Dr. Ploss*: «Ueber das Männerkin(t)bett» im 10. Jahresber. des Leipzig, Vereins für Erdkunde, pp. 33-48. Leipzig, 1871.

crois qu'elle a surgi d'une façon indépendante dans plusieurs parties du monde».

Como explicar este costume tão bizarro? E em que estriba a sua origem?

O conjuncto de opiniões e das respostas emittidas a este respeito constitue um verdadeiro *Kaleidoscopio*.

Venham algumas.

Para o jesuita *Dobritzboffer* a couvade é uma pura loucura.

Lafiteau, missionario e tambem jesuita, vê n'ella uma vaga recordação do peccado original, regeitando a explicação dada pelos indios Caraïbe,—que segundo *Lubbock* é a verdadeira,—os quaes, o mesmo que os Abipon do Chaco, creiam que se o pão não suspendesse os trabalhos manuaes e não observasse estrictamente a dieta prescripta pela couvade, morreria infalivelmente a criança; e que esta participaria seguramente de todos os defeitos d'aquelles animaes (1), de cuja carne o pae houvesse comido.

Max Müller (2), escreve: «Il est clair, que le pauvre mari a d'abord été tyrannisé par toutes ses parentes, puis effrayé, et a été enfin amené à la superstition par la terreur. Il a commencé par se faire martyr et en est arrivé à se rendre réellement malade, ou à prendre le lit pour se défendre contre les récriminations des femmes» (3).

Insustentavel é o que opinam os senhores *Hellwald* e *Lippert* (4), porque, como muito acertadamente observa *Hermant* (5), a couvade não é praticada só ao nascer o primogenito, senão para todos os filhos indistinctamente.

Tylor (5) vê na couvade a expressão d'uma relação íntima e mysteriosa, que une o pão ao seu filho, tal como

(1) *Peschel*, p. 27. — *C. F. Abpun*, no: «Ausland», 1872, N.º 31 p. 440.

(2) «Chips of a german workshop», t. II, p. 281.—*Lubbock*, l. c. —*Hermant*, l. c.

(3) *Dobritzboffer*, II, pp. 273 et passim.—*Hermant*, p. 14: «les femmes attribuent toute la responsabilité à l'intempérance du père et l'accablement de toute sorte d'aigres reproches».

(4) *Hermant*, p. 7.—*Hellwald*, «Die menschliche Familie», p. 30.—*Lippert*, «Kulturgeschichte», t. II., p. 312.

(5) *Hermant*, l. c.

selvagens a podiam imaginar-se. As privações e os jejuns são provas d'energia e de força d'alma, qualidades que o pãe deseja transmittir ao menino.

Bachoffen, *Lubbock*, *Giraud-Teulon*, *Zmigrodzki* e *Letourneau* (1), partidarios da hypothese da existencia d'um regimen matriarchal primitivo, sustentam que a couvade representa a lucta do patriarchato com o matriarchato predominante.

Ling Roth (2), considera a pratica da couvade como uma forma de magia, estribando-se n'uma crença de uma connexão physica entre o pãe e a criança.

Crawley (3) vê n'ella um meio de proteger-se contra influencias nefastas e magicas.

E, finalmente, o senhor *Hermant* (3) crê que a explicação mais plausível é aquella, que ha dado M. Letourneau. (4). Segundo este autor, a couvade seria, pois, a forma primitiva do nosso certificado de nascimento (o nosso «*Geburtschein*»): porque ella não é practicada senão aonde existe uma razão importante, por que o pae faça uma declaração publica de paternidade.

Para o mencionado autor (5), a couvade constitue um symbolo de ordem juridico e religioso ao mesmo tempo: e era practicada especialmente entre aquelles povos, cujo genero de vida de familia exigia essa prova ou declaração publica, importante para a transmissão já seja dos bens, já seja da auctoridade.

Sob este ponto de vista, a couvade era, naturalmente, necessaria; porque expressava a forma legal, pela qual o pãe reconhecia á seu filho. Por meio d'esta practica se fez parente do menino e proclamou-o seu herdeiro—.

(1) *Bachoffen*, «*Mutterrecht*», p. 255 *et pass.*—*Lubbock*, *ob. cit.*, p. 14.—*Giraud-Teulon*, «*Origine du mariage*», p. 188 *et pass.*—*Zmigrodzki*, «*Die Mutter bei den Völkern des arischen Stammes*», p. 270.—*Ploss*, «*Das Kind*», etc., t. I, p. 35.—*Letourneau*, «*L'évolution du Mariage et de la famille*», p. 394.

(2) «*On the significance of Couvade*», no «*Journal of Anthropological Institute*», t. XXII, pp. 204—244.

(3) «*Mystic rose*», pp. 416—428.—*Hermant*, *ob. cit.*, pp. 7 e 8.

(4) *Ob. cit.*, p. 397.

(5) *Ob. cit.*, pp. 11 e 15.

Letourneau (1) opina que a couvade devia ter nascido na epocha de transição.

Elle e outros sociologos se inclinam á hypothese de que o estado social primitivo do homem foi um estado de puro *betairismo*. Não existia o matrimonio; ou não existia senão como «matrimonio em commum»: homens e mulheres pertenciam-se então indifferentemente. Mais chegou um tempo em que as mulheres se rebellaram contra tal estado de cousas e estabeleceram um systema de matrimonio com reconhecimento só da descendencia materna. E as mulheres tiveram assim uma grande parte do poder politico. O homem, vendo-se despojado de sua auctoridade, tratou então de reconquistar o que perdêra. E esta intenção, segundo varios dos autores citados n'este artigo, parece manifestar-se na pratica da couvade (2).

Não obstante da intervenção de tantos sabios, que tentaram interpretar a significação d'este phenomeno, estamos longe ainda d'uma satisfactoria solução da questão. De todas as theorias formuladas ao respeito, são mais ou menos hypotheticas umas, e inaccitaveis outras.

Segundo a minha opinião, para a explicação psychologica d'este phenomeno, que em primeira instancia é o symbolo mais eloquente do amor proprio do pãe, por agora, não cabem outras razões, pelas quaes o progenitor fazia essa declaração de paternidade, intima e tambem publica, que a do *egoismo paterno*, acompanhado d'uma boa dose de rivalidade com a parida (3). E como não conheço, nem ninguém pôde conhecer, a forma, sob a qual a couvade era praticada n'aquelles tempos remotissimos, nem as ceremonias e prescripções observadas ante, durante e depois d'ella, me creio plenamente autorisado suppôr que primitivamente toda

(1) *Ob. cit.*, p. 394.—*Hermant*, p. 7.

(2) *Loc. cit.*, « . . . d'affirmer ses droits paternels et de substituer la filiation masculine à l'ancienne filiation utérine; . . . »

(3) O senhor Dr. *J. Huber*, ao lêr este trecho, chamou a minha attenção sobre algo analogo, que frequentemente observamos na vida familiar, quando um dos filhos está doente. Os cuidados, os mimos e certas attencões, dispensadas ao menino que cahiu enfermo, despertam geralmente inveja nos demais irmãosinhos, que chegam até a simular estar tambem indispostos, para participar das preferencias de que goza o enfermo.

a cerimonia reduzia-se só ao simulacro das dôres, que havia soffrido a mãe, simulacro que, evidentemente, expressa d'uma maneira mais patente a idéa de que a criança é producto de ambos.

Mais. Este costume deve ser e é seguramente mais antigo, que a supposta lucta do homem com o matriarchato predominante. Por razões que são obvias, é mais que provavel, até logico, que a couvade fosse observada já na epocha do *hetairismo*.

A couvade, tal qual a praticavam os indios brasileiros em tempo de João Staden, e a seguem praticando ainda muitas tribus da Amazonia e das Guyanas, não parece mais que um reflexo d'uma scena da vida intima do homem na sua infancia.

Uma rigorosa explicação psychologica d'este phenomeno, como com razão observa o senhor Hermant, necessitaria certamente, uma serie de documentos ethnographicos exactos e recolhidos por homens que estejam ao corrente dos problemas sociologicos, e provenientes, sobre tudo, da Sul-America, aonde encontram-se os casos da couvade mais caracteristicos.

Seguro estou de que na litteratura americana, achar-se-ia mais que um d'aquelles ditos tão suggestivos..... «até que lhe não caia (o ombigo) não deixa o jejum,.....»

Pará, Maio de 1910.

INDICE

DO

TOMO VI

PARTE ADMINISTRATIVA:

	PAGS
I) Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica, pelo Director do Museu, relativo ao anno de 1907.	1—22
II) Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica, pelo Director do Museu, relativo ao anno de 1908.	22—53

PARTE SCIENTIFICA:

A) ETHNOLOGIA

I) A Couvade, pelo Dr. R. R. Schuller	236—245
---	---------

B) ZOOLOGIA

I) Sobre a Distribuição da Avifauna campestre na Amazonia, pela Dra. E. Sneathlage	226—235
--	---------

C) BOTANICA

I) Sobre um caso notavel de polymorphismo nas folhas do Abacateiro (<i>Persea gratissima</i> Gaertn.), pelo Dr. J. Huber, com uma estampa.	54—59
II) Novitates Florae Amazonicae, pelo Dr. J. Huber.	60—90
III) Matas e madeiras amazonicas, pelo Dr. J. Huber, com dois Appendices	91—225